

**DIÁRIOS DE BORDO: UM CAMINHAR ENTRE A ARTE E A EDUCAÇÃO E SEU
PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO**

*LOGBOOKS: A WALK BETWEEN ART AND EDUCATION AND ITS TRANSFORMATION
PROCESS*

44

Esp. Daniele Moraes da Silva¹

Ms. Sandra Vieira²

Resumo: resu-marcando, resu-me-indo, resu-me-vou

Este ensaio se refere a um mapa estético e pedagógico no qual encontrei uma escrita que aborda questões relacionadas à arte, à educação e a processos de ensino aprendizagem. Estes pontos são expostos e/ou apontados através de diários de bordo, os quais carregam todas as passadas e todos os trajetos percorridos ao longo deste processo. Nestes diários está contido todo o processo de criação que ocorreu na minha trajetória de artista-pesquisadora. A arte é onde trago à tona minhas angústias, dúvidas, encontros e desencontros, tanto questões de vida/mundo quanto na/da educação. A escrita está preenchida de vivências, sentimentos, experiências, arte e gera possibilidades de uma produção de subjetividades, não apenas dentro, mas principalmente, fora e além das paredes da sala de aula, escola e além mundo.

Palavras-chave: Diários de bordo. Arte. Educação.

Abstract: Abstract-printing, abstract-going, abstract-gone

The present scientific article is an esthetic and pedagogical map where I found a writing that approaches questions related to art, to education and to the teaching-learning process. These subjects are exposed and/or appointed through logbooks that carry all the footsteps and all the paths taken throughout this procedure. In these logbooks is all the creation method that took place in my journey as a researcher-artist. The art is where I bring to the surface all my anguishes, doubts, meetings and mismatches about life/world and about education. This writing is filled with experiences, sentiments, living or ongoing situations and art. It generates possibilities for the

¹ Daniele Moraes da Silva possui graduação em Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas com habilitação em Gravura (2011). Especialista em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense, câmpus Pelotas, na linha de pesquisa Educação, Arte e Filosofia (2021). Mestranda em Educação na Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa "Cultura escrita, linguagens e aprendizagens". Atua na área da Educação e das Artes Visuais, com ênfase em Gravura. Produção voltada à estamperia através da técnica de linogravura na qual são produzidas imagens, textos e páginas de cunho artístico e filosófico e escrita poética criativa narrativa e (auto)biográfica.

² Possui graduação em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (2005). É mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (2010). Atualmente é coordenadora de Cultura e Eventos da Pró-reitoria de Extensão e Cultura do IFSul.

production of subjectivities, in and outside of the walls of the classroom, and the school and beyond the normative and imposing world.

Key words: Logbooks. Art. Education.

Diário I

O início do percurso: da temática aos quereres

45

Para dar início a este percurso, venho apresentar quem lhes conduzirá nesta caminhada: uma artista visual, gravadora, pesquisadora cheia de anseios, angústias, medos, dúvidas, mas que jamais deixa de sonhar e lutar em prol do que acredita. E foi no encontro de algumas dessas angústias com o desejo desenfreado de querer fazer diferente para sanar a sensação permanente de sufocamento e estrangulamento por um sistema impositivo, que se deu o início desta caminhada em/na educação. Quando se fala em escola, sala de aula, projeto, pesquisa, publicação, comumente estes termos nos remetem a formalidades. E se no lugar de toda essa normatização existente, pensássemos em arte, criação, inovação, vivências, memórias, experiências do fazer/ser/criar? Se construíssemos um mapa que unisse o artístico e o científico com mais sutileza e, também, transbordando potência? De forma alguma o intuito é eliminar a norma, se assim fosse, teríamos um caos. E não é este o objetivo, muito pelo contrário, o objetivo é tornar o processo mais leve, e leveza em nada se assemelha ao caos. Podemos caminhar juntos e unidos criarmos este novo mapa?

Esta caminhada por vezes solitária, mas em outras vezes compartilhada por outros seres nômades e livres possui encontros, desencontros, verdades veladas e verdades reveladas, esta caminhada possui transformação e criação constantes. Não lidarei neste ensaio com processo de formação apostilado e definido, mas pensarei em processo de transformação e quiçá, de libertação! Uma liberdade de criação, de pesquisa, de escrita, uma liberdade de vida, uma liberdade que gera verdade!

O intuito é o de instigar uma visão de mundo integrada, capaz de constituir um acervo de referências, para que cada cidadão se relacione com o mundo à sua volta de forma que contribua para o desenvolvimento de si e da sociedade como um todo. A partir de autores e autoras como Sandra Mara Corazza e Suely Rolnik, por exemplo, que são de vertentes relacionadas a este desbravar mais subjetivo, ocorreu experiências que se transformaram em partes integrantes desta escrita. Trata-se de um conhecimento/aprendizagem interno da mente e da alma, um conhecimento transformador que muda o sujeito e muda o mundo. Uma sociedade transformadora que recria o SCIAS. Arte/Educação, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 44-54, jul/dez. 2022.

mundo através de um processo educativo inovador, baseado no estudo das relações que gerarão novos cidadãos e, por conseguinte, uma nova sociedade dentro do mundo contemporâneo.

Dentro da pesquisa desenvolvida os principais objetivos foram a ressignificação de todo e qualquer sentido vivido tanto em sala de aula quanto fora dela. Pensar em um ensino focado na aprendizagem de fato e não apenas na absorção de conhecimentos e, acima de tudo isso, o anseio por desmascarar sentidos, retraídos e atribuídos ao/no ser humano, é que neste percurso, novos territórios foram demarcados e territórios existentes foram ressignificados.

A partir destes quereres, dentro desta temática, trago registros, escritos, produções e arte dentro dos meus diários de bordo. Estes diários são diversos cadernos os quais me acompanham no dia a dia e nos quais registro todo e qualquer pensamento, dos mais simples aos mais complexos. Acredito que estes diários possuem conteúdo significativo que seria de grande prejuízo deixá-los engavetados visto que não fazem parte apenas da produção, os diários são a produção em si. Como artista visual, o processo criativo é muito amplo e é através dele que dou vazão a todos os atravessamentos que transbordam em meu peito e pensamento. No decorrer do curso de pós-graduação e na produção deste ensaio muitas dúvidas surgiram. Questões relacionadas à aprovação, ao que era certo ou não, ao que poderia ou não, ao que seria aceito ou não, tudo em virtude de “estar dentro da norma”. Isto poderia retrair qualquer pensamento, escrita e mesmo motivação. Sendo assim, a norma e o processo criativo, quem venceria este duelo? Simplesmente não há vencedores, pois não há o lado correto. Ambos podem caminhar juntos e resultar em obra de arte, em ensaio científico, em aula dada, em aula recebida, ambos podem dar a inovação e a ressignificação. Foi o que aconteceu neste percurso e é o que quero levar ao campo da educação.

Diário II

A questão

Quais as possibilidades de um artista-propositor-criador-pesquisador-sonhador expor sua real essência sem ser engolido/sucumbido pela norma?

Um diário é um mapa em branco, onde são cartografados, marcados, demarcados e remarcados dúvidas, certezas, amores, dores e o que mais se preste a qualquer proeza. Estes diários quando olhados pelo viés afetivo, penso enquanto autora dos diários, que não há apenas o desejo de mostrar seu conteúdo, mas sim de gritar: leia o que há de mais interno e intenso em mim! E foi nestes diários que expus não apenas meu mapa em branco, mas todo meu pensamento que foi sendo

produzido ao mesmo tempo em que era atravessado pelas leituras e estudos desenvolvidos no processo de pesquisa.

Enquanto alunos, dentro das salas de aula, possuímos nossos cadernos com os conteúdos dados pelos professores. A respeito deste ponto reflito sobre quantas coisas são pensadas e discutidas além do que foi transcrito no caderno. É uma infinidade. E todos estes pensamentos inquietantes são tão redundantes quanto o conteúdo aplicado. Neste encontro é que percebo que nos diários há muito mais a ser visto e produzido do que apenas nos cadernos tradicionais. Desta forma optei por trazer à tona o “conteúdo dos bastidores”, o conteúdo sem cortes e repleto de verdades.

Eis então o mapa em construção: pensamento, conteúdo, estudo, prática, pesquisa, arte e criação a cada página.

Diário III

O passo presente e o passo seguinte: o desenvolvimento e a metodologia

O objetivo deste ensaio e estudo realizado até aqui é caminhar não para alcançar metas, mas caminhar e, no percurso, descobrir e traçar novas e diversas metas. Este trajeto se dá entre arte, educação, ensino, aprendizagem, vivência, essência... De um até outro, do outro até um, do meio para um lado, do meio para outro ou mesmo (e tão importante quanto): de um lado qualquer rumo ao desconhecido! Busco aplicar neste processo de criação, enquanto obra de arte e enquanto pesquisa, o ser e o de que forma ser, o devaneio e a prática, o simbolismo e o anseio, o desenvolvimento e o fundamento a partir de um envolvimento entre arte e educação.

Esta produção de subjetividades relacionadas ao ensino e aprendizagem acontecerá através de um hibridismo no pensamento, o qual envolverá um (re)invento de modos de ensino, um (re)invento de modos de vida, um (re)invento de existências possuindo a arte como ponto de partida. Serão possibilidades de criação. Neste ponto percebo a fusão entre subjetivação e criação, ver e ser, viver e querer. A criação acompanhada da subjetivação contribuirá para que eu não caia em imagens definitivas do pensamento, do conceito, do certo e errado, do permitido e proibido. Fará com que o pensamento ocorra fora do senso comum. Dará a oportunidade de olhar de fora tudo o que já foi dito, afirmado, posto e recolocado a respeito de encontros, lugares e territórios já existentes. Atravesso então por mais uma página de um diário onde territórios existentes caminham para a criação de territórios existenciais. O método? Minha convidada, tão maravilhosa e tão bem recebida neste ensaio, cartografia!

A cartografia utilizada como metodologia fundamenta fortemente esta pesquisa. O fato de mapear pontos e explorar territórios (in)existenciais assim como percorrer processos em que a subjetividade se faz presente a todo instante, me remete durante todo o percurso à utilização deste meio como método de pesquisa. De acordo com Passos e Barros (2009), se torna de grande valia pensarmos na reversão do sentido do método, isto é, no lugar de primeiro pensar e raciocinar para depois caminhar e dar início ao trajeto, fazer a inversão destas etapas. Neste ponto vamos ao encontro do objetivo deste escrito que é primeiramente caminharmos e então, ao longo do percurso encontrarmos/(re)descobrirmos metas, objetivos e verdades.

A cartografia por si só não carrega traços de um método denso, reservado, conservador, mas sim de algo que vai totalmente de encontro com estes. O método da cartografia não é nem está pronto, ele é puramente marcação, caminho, pista, questionamento. É a união entre pesquisa e pesquisador, entre espectador e propositor, entre arte e vida, entre mundos infinitos, particulares, conjugados, solitários e também povoados. Cartografar é abrir o leque e se deixar ir, pelo vento que este fará. É preencher com respostas às pistas e indagações, um mapa em branco desenhado em uma folha cheia. Desta forma, desejo que cada território criado, sonhado, imaginado e vivenciado (na vida e na alma) venha blindar e resguardar, a cada um, de toda a desordem e obscuridade nas quais somos postos à prova. Esta será a balbúrdia tão apontada que nos colocará em movimento. Que abrirá novos e desconhecidos caminhos, novos e sonhados territórios. E no momento em que for questionada sobre a criação e encontro com este território subjetivo e possivelmente utópico, responderei em alto e bom tom: eu o imaginei e para dentro dele me transporte! Foi assim que me protegi e assim me protegerei.

Quando optei pelo método cartográfico como metodologia desta pesquisa, foi necessário ter em mente que não haveria um desfecho claro e preciso. Isto se dá pelo fato de, neste método, não se buscar resultados, mas sim caminhar, marcar e pensar o processo em si. Pensar na viagem sem destino exato que é pesquisar, ou seja, saber da possibilidade de encontrar pelo caminho desvios, rotas escondidas, caminhos que levam algum lugar, outros a lugar algum. E é exatamente nestes (des)caminhos e (re)marcações que encontro todo e qualquer elemento que venha a ter fundamento para/na pesquisa.

Entendo que este método educacional pode interferir positivamente e formar cidadãos pensantes, com postura crítica e uma educação de fato, não apenas cidadãos com carga extrema de aprendizagem decorada e concebida por terceiros. É possível que, nesta prática, eu compreenda que no momento em que meu aluno problematiza sua ação e age sobre ela, o real aprendido acontece

e se estabelece uma construção e descoberta do novo. Esta descoberta começa acontecer a partir do momento em que me coloco na posição de agente questionador e problematizador, bem como agente sonhador e inovador. Oferecer a possibilidade de educandos manejarem e construírem suas próprias rotas, assim como seus próprios conhecimentos e pensamentos.

Essa metodologia proporcionará novas relações dentro e fora da sala de aula, proporcionará relações fluídas e contínuas e, logo, uma relação de troca entre educador e educando e entre seres humanos e mundo. Aqui traço mais uma linha e estabeleço uma chamada coordenada cartográfica dentro do mapa criado com territorialidades pensantes e imaginativas.

Enquanto a cartografia permite que o pesquisador resolva e aponte seu próximo passo bem como de que forma será dado este passo, a arte permite que todo e qualquer passo sonhado e imaginado tome forma através de tintas, lápis, cores, recortes e tudo mais que caiba e transborde em criação. Esta metodologia proporciona múltiplos processos e múltiplas formas, mais uma vez, assim como a arte e assim como potencial a ser investido e aplicado na educação. Com a união destes campos no processo metodológico de pesquisa crio diversos mapas, os quais defino como mapas viajantes de passadas (e de pensamentos), que no lugar de uma rota exata até o tesouro, entrego a cada viajante uma bagagem de subjetividades própria de criadores. Criadores pensantes que seguirão seus próprios mapas de territórios existenciais, nos quais não exista um único (ou correto) significado, mas sim múltiplas significâncias.

A escolha por utilizar, a partir de diários de bordo, uma metodologia cartográfica se deu por meio do desejo de unir minha trajetória como artista à minha trajetória como educadora. Os diários são a forma/instrumento que utilizo para organizar meus mapas de pensamento e criação. E levar esta forma para o campo da educação me remete ao que vivi dentro do ateliê enquanto estudante de arte. Quando acadêmica do curso de Artes Visuais com habilitação em Gravura, fui monitora do ateliê durante dois semestres. Dentre as funções de monitoria, havia a de receber artistas e alunos que precisassem de auxílio técnico com equipamentos do ateliê. Foram nestes momentos que percebi o tanto que havia além de apenas auxiliar tecnicamente e fazer relatórios. Percebi que havia troca, uma intensa troca de produção, de ideias, de conceitos e estas trocas aconteciam através de encontros. Estes encontros tornavam os prazos limites, a escrita dos processos técnicos e as angústias por, às vezes, não se obter a impressão perfeita de uma gravura, em leveza, em momentos de descontração, em união. Nestes encontros percebi o grande potencial que existe ao tornarmos questões/momentos truncados em questões/momentos leves, sutis e absolutamente mais produtivos.

A gravura é uma técnica milenar de impressão que possui uma série de convenções e nomenclaturas. No entanto, minha produção nesta área foi rasgada por métodos que fossem fora da gravura tradicional. A partir das impressões, recortei, coleí, reimprimi e apresentei obras de arte contemporâneas cheias de subjetividades que instigam o expectador. Acredito que a ousadia não deve se restringir apenas à arte, vejo também a educação como grande potência para ser repensada e provocada. Penso que a partir desta pesquisa há a possibilidade de produção de outras formas de ver e/ou de olhar para o mundo (acadêmico ou não) e, a partir de então, criar outras formas de se produzir pensamento e relações com o mundo. Tendo (para e desta forma) a educação e a arte como processo de criação.

Diário IV

Os caminhos trilhados e quem me fez companhia

Os teóricos, as teorias e a encantadora sintonia

Quando mergulho em minhas vivências e vou ao encontro de tudo o que me trouxe e me mantém até aqui, percebo que arte é a parte mais imponente. Pois foi na arte que encontrei abrigo para todo e qualquer infortúnio, foi na arte que percebi que qualquer dúvida e estranheza pode (e deve) ser posta à mesa.

Há os que digam que a arte salva, pois lhes complemento que a arte salva, a arte revive e a arte grita: viva a verdade e mergulhe em suas profundezas. Criar esta linha de ponto de fuga, foi o que me fez querer e permanecer em/na educação. Fazendo jus ao aprendizado, mas principalmente, aos anos de imersão. A arte por si só é um campo amplo e diversificado. A educação, todavia, também. A abordagem destes dois campos se dá através de teóricos que permitem uma caminhada inovadora e pensante. Permite ousadia, criação, sensação e prática fora do convencional e fora da caixa, criando, marcando e cartografando novos territórios, sentidos esquecidos e/ou distraídos, ousadias acabrunhadas em uma caixa fria, tudo isso a partir de uma ressignificação do produzir, escrever, criar e pesquisar.

Em uma troca de informações em determinado ponto do trajeto, Deleuze e Guattari (2011) apontaram que o fato de fazermos cartografia é uma arte! A arte de produzirmos sim um mapa, no entanto, mapas conectáveis, desmontáveis, inacabados... Inacabados, pois sempre haverá novas coordenadas a serem colocadas. Mapas que serão cortados, recortados e (re)montados. Mapas em

SCIAS.Arte/Educação,BeloHorizonte,v.12,n.2,p.44-54,jul/dez. 2022.

que as trilhas e rotas serão (re)construídas e modificadas constantemente. Ao passo do tempo, ao passo do sujeito, ao passo do momento.

Com a ideia de mapas inacabados e próprios de receber modificações, penso em outro encontro que tive nesta jornada. Neste segundo encontro lembro-me de Rolnik (2014) acenando para nós e gritando: “A cartografia, diferentemente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações: ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da Terra”.

Ora, ora, perante um mapa inacabado, a imprevisibilidade em um movimento/andança não se faz fortemente presente? Pois bem que sim, sofremos mutações a todo instante por todo e qualquer caminho. Uma delas aconteceu dentro deste próprio ensaio “cientístico” (científico e/mais artístico). Uma delas não, digo infinitas delas! Isso é pesquisa, isso é cartografar, isso é caminhar e (re)significar todo e qualquer sentido.

Como artista visual costumo dizer que enquanto produzo me transporto para outro mundo, que a arte é minha válvula de escape em tempos sombrios. Em cada nova imagem que produzo, traço linhas, pontos, texturas e diversas outras possibilidades que a arte proporciona. Quando penso no meu mapa em branco e na minha folha cheia/vazia dos diários de bordo, me remeto instantaneamente às mesmas (e outras) linhas, pontos, texturas e outras tantas (re)inventáveis possibilidades. É como se nestes mapas estivessem não minha válvula, mas meus trajetos e rotas de escape. Isso é também a cartografia como metodologia de pesquisa: criação, invenção e transformação. Ao olhar para este ensaio a vejo lá, imponente e segura abrindo espaço para uma nova territorialidade em territórios já existentes. Colocando à mesa infinitas possibilidades e diversas multiplicidades. Pesquisem o que vocês desejarem e, dentro deste desejo, (re)inventem seus objetos. Ainda há muito (e muitos) por vir, o quanto antes iniciarmos esta mutação de sentido e significado, mais próximas estarão nossas companhias em nossas rotas de escape. Em um caminho de (re)descobertas e (re)significações é bastante comum causar estranheza por estar fazendo algo novo, mas principalmente, algo diferente. Logo surgem as questões: “Mas pode?”, “Não irão aceitar!”, “E a norma?”, “E a terceira pessoa?”, “E as palavras bonitas?”, E... E... E... E... Nunca cessa, nunca chega. Aqui se faz mais um encontro nesta pesquisa, um encontro muito especial e intenso, um encontro com aquela a qual me identifiquei na (des)forma, no (re)pensamento, na arte e na artistagem, na educação, na sala de aula e principalmente na (re)escrita. Admirável e sublime

Sandra Mara Corazza! Sobre este terceiro encontro e a transformação no olhar e no criar, bem como o encanto por ter companhia na rota, no mapa, na pesquisa e no mundo aponto que:

A escrita-artista não é nunca simples. Ela não normatiza, não representa, não conta história, não ilustra nem narra o que se passou. Algo passa por ela. Traços, riscos, setas, marcas de espírito nela se exprimem e arrancam a significância do texto. De qual texto? Ondas, cascatas, olhos de ciclones, as palavras desse texto não correspondem a formas, mas só captam forças, que se exercem na folha em branco. Em branco? De jeito nenhum; pois, se assim fosse, o escritor poderia reproduzir um fato exterior, que funcionasse como matriz de escrita. (CORAZZA, 2006, p. 35).

Ter encontrado o pensamento de Corazza nesta pesquisa contribuiu muito com a capacidade minha própria de enxergar uma potência de criação tanto no meu tema, quanto na forma de escrita, tanto nos meus diários quanto nas questões de diferentes formas de ensino e aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Lendo estas obras e autores, percebi que o coração ainda pulsa e gera emoção. Logo, a vontade e desejo de criar movimento de transição do já dito e estabelecido para o intuitivo e subjetivo. Experiências, vivências, olhares sobre si, olhares para o projeto e questionar: desejo que meus futuros alunos apenas vivam para se encaixar ou que vejam em minha prática e pensamento, o pleno desejo de territorializar e (re)significar?

Diário V **(in)conclusão**

Pesquisa é processo, é percurso e é criação.

Finalizá-la seria limitá-la!

Sigo caminhando e cartografando até o próximo ponto, desenhando, cortando e recortando um mapa não mais em branco.

Após todo este período de aula presencial, encontro, (re)encontro, pandemia, aula remota, qualificação, (des)encontro, escrita e defesa, creio que sigamos errando muito com o mundo e seus habitantes. Isto é, temos teorias, dominamos leis, possuímos anos e anos de experiência nas mais diversas áreas, porém somos leigos ao lidarmos com (e para) o outro. Vamos tocar? Vamos sentir? Um artista deseja emoção e o mundo deseja fim para sua solidão!

Partindo do pressuposto de que, através da experimentação, cada ser que possua determinada dose de curiosidade em si, sairá de sua doce e agradável zona de conforto repleta de verdades absolutas, chegamos ao ponto crucial da pesquisa: a descoberta e criação de mundos e territórios para si e para o outro.

Unindo a arte, a educação e uma escrita fora da rota oriunda de diários de bordo, percebi que o aprendizado aqui não se separa do que sou nem do quero levar ao outro. Tudo foi união e troca, saberes e vivências que a produção dos diários me trouxe e me pôs à prova no questionamento: de que servirá tudo isso? Diários são relatos e verdades, trazê-los à tona em evidência de questões de arte e educação, apontou que o científico não está apenas na norma, mas sim e, todavia, na questão da proposição, da divisão, do compartilhamento de experiência chegando na identificação.

Assim como mostrar ao ser humano a existência de uma possibilidade de se fazer novos e diversificados circuitos/caminhos e, que para isso, basta estar disposto ao novo e a criar seu próprio território, sem definições e/ou limitações, através da produção de sentidos e da territorialidade cartografada em saberes e fazeres, fica evidente o intuito deste ensaio: produção fora do senso comum e tradicional. Produção criativa em arte, educação, ensino, aprendizagem e aproximação entre aluno e professor, educando e educador, entre composição e criação, entre arte e emoção. Uma aproximação entre o que já é próximo e entre tudo o que mantém um abismo em si! Que o campo da composição, campo da arte, campo do saber, campo da criação e campo da educação sejam um só e que, a partir dele, outros campos surjam, revelando novos caminhos, novas verdades, novas significâncias e novas relevâncias à pesquisa, ao ensino e à educação. Sem perseguição e sem idolatrias, apenas com o mais puro, limpo e sincero desejo: Ir ali, ir lá, fazer a diferença e retornar para (re)começar e (re)criar um novo diário com novos mapas em branco.

Diário VI

Até aqui foi onde encontrei apoio e abrigo

Referências

AQUINO, J.; CORAZZA, S. M. *Abecedário: Educação da Diferença*. Campinas: Papyrus, 2009.

ARNHEIM, R. *Intuição e intelecto na arte*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARROS, R. D. B.; PASSOS, E. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Eduardo PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

CORAZZA, S. M. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORAZZA, S. M. *O que se transcria em educação?* Porto Alegre: UFRGS – Doisa, 2013.

SCIAS.Arte/Educação,BeloHorizonte,v.12,n.2,p.44-54,jul/dez. 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.

FERREIRA, G.; COTRIM, C. [Orgs]. *Escritos de Artistas: anos 60/70*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

ROLNIK, S. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 2ª ed. 2018.